

‘Mexa-se’ é considerado muito bom por 76% dos participantes e 57% apontam melhora nas atividades diárias

A comunidade da Unicamp se mexe e aprova programa de atividades físicas

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

O Programa de Convivência e Atividade Física “Mexa-se” tem a aprovação da comunidade universitária em seus dois anos de funcionamento. Cerca de 76% dos participantes avaliaram o programa como sendo muito bom e 57% acreditam que houve melhora no desempenho do trabalho depois do início das atividades físicas. “Mesmo superando as expectativas, não queremos parar. Temos planos de expansão do programa em outras áreas da Unicamp”, afirma uma das coordenadoras do Mexa-se, a professora Antonia Dalla Pria Bankoff, da Faculdade de Educação Física (FEF).

A idéia, segundo a coordenadora, é buscar parcerias e abrir novas frentes de atuação que contribuam para melhorar a qualidade de vida na comunidade. “Estamos em vias de implantar uma estação de atendimento no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), onde poderemos acolher a demanda da área hospitalar. Também há interesse da Biblioteca Central e outros órgãos em locais estratégicos. Isso possibilitaria atender a comunidade local, uma vez que muitos não participam das atividades devido à distância”, comemora Antonia Bankoff.

Coordenação quer estender atividades a outras áreas do campus

Desde que foi implantado, em maio de 2004, o Mexa-se realizou quase 19 mil atendimentos, numa média de 48 registros diários, na tenda instalada na Praça das Bandeiras. De aferição da pressão arterial até exercícios moni-



Monitores comandam atividade na tenda da Praça das Bandeiras: 19 mil atendimentos em dois anos

torados e terapia com indicação médica, várias atividades compõem o atendimento feito por uma equipe de 25 profissionais, bolsistas e colaboradores das áreas de Educação Física e Fisioterapia. De acordo com o coordenador do Centro de Saúde da Comunidade (Cecom), professor Edison Bueno, o programa não se restringe a oferecer atividades físicas para portadores de doenças e grupos com fatores de riscos de desenvolver patologias, a proposta é também proporcionar um espaço de convivência na Universidade. “De tão óbvio, a integração com outras pessoas e o convívio social, muitas vezes, não é exercitado. É be-



Carmen Vitória Intaschi, participante do programa Mexa-se: voltando a andar depois de um acidente vascular cerebral

néfico conhecer pessoas de outras áreas”, argumenta.

Avaliando a saúde – O balanço realizado pela coordenação do programa nos dois anos de funcionamento aponta que os problemas ortopédicos são os mais frequentes. Dentre os atendidos com algum tipo de mal ortopédico, 29,51% são público feminino e 26,31% do masculino. As dores no pescoço são as mais percebidas por 27% das mulheres e 14,4% dos homens. Na sequência vêm as dores nas costas, em 25% das mulheres e 22,36% dos homens. As participantes do sexo feminino são

as que mais tomam medicamentos, 63,7%, contra 57,5% dos homens.

Como aspecto positivo, o estudo apontou que 33,9% dos participantes procuraram o programa para melhorar a qualidade de vida e 28,5% têm consciência da importância da prática de atividade física. Essas informações devem orientar as ações nos próximos meses. A professora Antonia Bankoff indica, por exemplo, que os números poderão direcionar quais áreas de atuação mais adequadas. “Existe, em alguns casos, uma associação de fatores para que o funcionário não desenvolva bem suas atividades”, explica. Segundo a coordenadora, há intenção de ampliar o número de pessoal envolvido no atendimento e melhorar a estrutura física.

Dia de baile – Dona Carmen Vitória Intaschi venceu um de seus maiores desafios ao participar do Mexa-se: voltou a andar após um acidente vascular cerebral ocorrido em 2002. O mesmo aconteceu com o pára-atleta e aluno especial da Faculdade de Educação Física (FEF) Paulo Sérgio Nave que, mesmo com o lado direito do corpo comprometido em virtude de uma paralisia cerebral, conseguiu dar os primeiros passos de dança de salão frequentando as aulas na tenda. Além da dança, Nave participa de outras opções que o programa oferece. Já Maria Cristina de Mello, funcionária da Diretoria Geral de Recursos Humanos, padecia ao frequentar os bailes, pois não sabia os passos e ficava envergonhada quando alguém a tirava para dançar. Com as aulas semanais no Mexa-se isso acabou e em maio último, no baile do Dia das Mães perto de sua residência, Maria não ficou parada no salão.

Atrás do controle biológico das formigas lava-pés

CARMO GALLO NETTO
carmo@reitoria.unicamp.br

Seria difícil encontrar alguém que quando criança não tenha se fascinado com o comportamento das formigas. Mas há aquelas que causam ojeriza, caso das formigas lava-pés, assim chamadas popularmente porque sobem rapidamente pelas pernas quando pisamos em seu ninho, injetando por seus ferões um veneno de alcalóides que queima feito brasa de cigarro. A bióloga Christiane Gonçalves Dall’Aglio Holvorcem se interessou por elas ao acompanhar o marido em um pós-doutorado nos EUA e tomar conhecimento de pesquisas na Universidade do Texas – algumas dessas espécies tinham invadido aquele estado desde a década de 1970, causando desequilíbrios ecológicos.

Candidatando-se a uma vaga de assistente de pesquisa no laboratório que investigava as lava-pés, a bióloga alimentava a perspectiva de continuar a estudá-las no Brasil, onde são comuns. Sua contratação foi facilitada pela existência de um convênio entre a Universidade do Texas e a Unicamp que objetivava estudar os impactos das moscas parasitoides sobre as lava-pés. A pesquisa, orientada pelo professor Woodruff W. Benson, do Instituto de Biologia da Unicamp, deu origem a uma tese de doutorado de caráter mais amplo, pois descreve estudos populacionais e taxonômicos dessas formigas e relata a fenologia de seus parasitoides.

Segundo Christiane Holvorcem, os estudos populacionais levaram a uma

equação que permite determinar a população de formigas a partir do volume externo do formigueiro, enquanto os levantamentos taxonômicos possibilitam distinguir duas espécies muito similares de formigas lava-pés através da presença de certas substâncias, o que é importante porque as características morfológicas são muito próximas e exigem especialistas. Com o conhecimento da fenologia dos parasitoides procura-se descrever as flutuações de suas populações ao longo das estações do ano.

A bióloga explica que é relevante estimar a população de um formigueiro sem destruir o ninho e que a classificação das espécies permite estabelecer a biodiversidade existen-

te no ecossistema. “Neste particular, para caracterizar as duas espécies de lava-pés com as quais nos deparamos – a *Solenopsis invicta* e a *Solenopsis saevissima*, morfologicamente muito similares –, propusemos, em vez das características morfológicas, a análise da composição química utilizando cromatografia gasosa e espectrometria de massa”, afirma.

Uma análise de função discriminante das abundâncias relativas de 22 hidrocarbonetos cuticulares e 18 alcalóides piperidínicos, encontrados em 68 amostras coletadas em nove localidades do Estado de São Paulo, mostrou uma separação nítida entre as duas espécies, com base nos valores de duas funções lineares

que estabelecem as abundâncias relativas dos hidrocarbonetos cuticulares. A pesquisadora esclarece que esta parte da pesquisa foi realizada no Laboratório de Ecologia Química do professor José Roberto Trigo, co-orientador do trabalho.

Fenologia – Mas foi a fenologia dos parasitoides que revelou maior complexidade. A fenologia estuda as relações entre processos ou ciclos biológicos e o clima e as condições do meio físico. No caso em questão, pesquisou-se o ciclo biológico estabelecido entre as formigas e seus parasitoides, constituídos por quatro espécies de mosca do gênero *Pseudacteon*, semelhantes em tamanho às

mosquinhas que se encontram nas bananeiras. Essas moscas inoculam os seus ovos na formiga; os ovos dão origem a pequenas larvas que se alimentam do conteúdo da cabeça da formiga, matando-a.

O propósito de Christiane Holvorcem era determinar se o ciclo das moscas parasitoides exercia algum efeito e poderia se constituir em processo biológico de controle da população de formigas. “Qualquer dano causado na parte externa do formigueiro faz com que as formigas venham à superfície e liberem uma mistura de substâncias químicas que alertam do perigo. Essa nuvem de substâncias atrai as moscas, que então se acasalam em vôo sobre o formigueiro. É quando as fêmeas introduzem os ovos no dorso das formigas operárias. Cada mosca pode depositar dezenas de ovos em diferentes formigas. Já observei uma única mosca colocar 83 ovos em um único dia. Desejávamos saber se este ciclo constitui um processo de controle biológico e que fatores de clima e ambiente interferem nele”, explica.

Diante da existência de outros fatores que podem interferir na proliferação das lava-pés – doenças, parasitas, predadores ou mesmo outras formigas –, Christiane Holvorcem afirma que a pesquisa sobre os parasitoides não foi conclusiva, assim como ocorreu em estudo semelhante realizado na Flórida (EUA), com a mesma metodologia e envolvendo muito mais pesquisadores e sítios de amostragem. Aparentemente, segundo ela, as moscas não exercem grandes alterações nas populações, embora sua ação tenha efeitos indiretos, interferindo momentaneamente na vida no ninho e no comportamento das formigas.



Foto: Antonio Scarpinetti

A bióloga Christiane Gonçalves Dall’Aglio Holvorcem: interesse despertado pela invasão de lava-pés no estado do Texas